



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração simultânea dos novos prédios dos campi “Centro-Oeste Dona Lindu”, em Divinópolis, e “Alto Paraopeba”, em Ouro Branco (MG), ambos da UFSJ; inauguração de unidades habitacionais e assinatura de contrato do programa “Minha Casa, Minha Vida”**

**Divinópolis-MG, 10 de agosto de 2010**

Primeiro, eu queria começar com um pedido de desculpas, porque nós éramos para começar este evento muito mais cedo, eu sei que vocês estão aqui há muito tempo. Eu estou vendo que a assessoria não está nem passando com água para vocês beberem aí. Eu estava com uma sede “desgramada” aqui, não pedi água, porque eu estou percebendo que o último copinho que vocês beberam está aí no chão desde a hora em que eu cheguei, e de lá para cá não passou mais água para as pessoas beberem. Então, eu quero pedir desculpas pelo nosso atraso. Eu tive uma reunião ministerial, e uma reunião ministerial sempre demora um pouco mais do que o tempo previsto.

Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês da alegria de estar em Divinópolis. Esta cidade, eu venho a ela desde 1979. Foi em 1979 que eu conheci o companheiro Luiz Dulci, então presidente do Sindicato dos Professores de Minas Gerais, que tinha acabado de sair de uma greve, ele foi preso, entrou em greve de fome e, depois, nós nos encontramos aqui, em Divinópolis, no debate que nós fizemos aqui. E também porque eu tinha grandes companheiros aqui em Divinópolis, uns já estão em São Paulo; o companheiro Celso, que já não está mais entre nós. Mas, de qualquer forma, participei de greves aqui, com o Sindicato dos Metalúrgicos. Significa que a minha história com Divinópolis não começou quando eu encontrei com o Prefeito, na campanha de 2006, e já no aeroporto me pediram uma universidade e eu falei: olha, dá o terreno que tem a universidade. Deu o



terreno, está aqui a universidade.

Então, eu quero cumprimentar os companheiros que estão... O companheiro prefeito, o companheiro...

Primeiro, o Fernando Haddad, o Marcio, o Dulci,

Depois, o nosso querido reitor, o Helvécio,

Depois, o Vladimir de Faria Azevedo, prefeito de Divinópolis,

Depois, o companheiro Demetrius Arantes Pereira, ex-prefeito de Divinópolis,

Depois, o companheiro Eduardo Sérgio da Silva, diretor-geral do Campus Centro-Oeste Dona Lindu. Quero agradecer o fato de ter dado o nome do campus à minha mãe. Eu acho que talvez seja, no mundo, a primeira vez que uma pessoa que nasceu e morreu analfabeta tenha o nome dela em um campus, em uma demonstração...

Quero agradecer ao companheiro Constantino Dias Neto, superintendente regional da Caixa Econômica Federal,

Quero agradecer ao nosso querido Augusto Chagas, presidente da UNE,

Quero agradecer ao nosso querido Luís Gustavo Campos, representante dos alunos do campus Centro-Oeste Dona Lindu, por meio de quem cumprimento todos os professores,

Quero cumprimentar os companheiros que receberam aqui as suas casas, o Mário Aparecido Simões Martins, a Alanei Batista Costa, a Maria Anunciação Moura, que foram agraciados com a casa,

Lá em Ouro Branco, eu quero agradecer ao padre Rogério de Oliveira Pereira, prefeito de Ouro Branco,

Ao nosso querido Anderson Cabido, prefeito de Congonhas,

Quero agradecer ao Marcelo Batista, diretor-geral do campus Alto Paraopeba,

Quero agradecer ao Odemar Arantes Moreira, representante dos alunos do campus Alto Paraopeba,



Quero agradecer a todos os prefeitos que estão aqui presentes,

Quero agradecer às companheiras e companheiros estudantes de Farmácia, Enfermagem, Medicina e Bioquímica,

Bem, esta formalidade toda, um presidente tem que cumprir, porque se uma pessoa que veio aqui e eu não cito o nome que está aqui fala: “Eu fui lá e o Presidente nem lembrou de mim”.

Na verdade, eu penso que o discurso do nosso reitor e o discurso do Fernando Haddad, sobretudo, os dois discursos sintetizaram o ato de hoje, eu nem precisaria falar. Entretanto, como eu estou apenas a quatro meses e alguns dias de deixar a Presidência da República, depois de oito anos, eu queria deixar uma palavra de conforto para vocês e de esperança.

Eu confesso a vocês que, quando eu ganhei a Presidência em 2002, eu, muitas vezes, ficava deitado, lá no Palácio da Alvorada, e eu ficava quase me beliscando, imaginando: será que é verdade que eu virei presidente da República? Eu falava: Marisa, não é possível. Nós estamos aqui, deitados na cama que se deitaram tantas pessoas que nós achávamos que eram personalidades. Eu ficava imaginando se era verdade, porque era quase uma coisa anormal, porque o país já tinha tido advogado, já tinha tido professores, já tinha tido médico, já tinha tido empresário, já tinha tido uma série de gente que representava vários segmentos da sociedade, mas não tinha ainda experimentado um metalúrgico, alguém que tinha como experiência de vida o mundo da fábrica.

Eu, como perdi três eleições, fui me calejando. Vocês sabem que eu sou um homem sem ressentimento, e hoje eu agradeço a Deus de não ter ganhado em [19]89, porque eu era muito novo, eu era muito mais radical do que eu era quando eu ganhei em 2002 e, portanto, eu poderia ter feito bobagens que eu não faria em 2002. Não bobagem porque eu quisesse fazer, pela impetuosidade da pouca idade; pela vontade de fazer as coisas, pela pressa



que a gente tinha que acontecesse.

Mas eu aprendi uma coisa que é uma lição de vida, que vai servir para vocês o resto da vida. O Brasil foi um dos últimos países do continente a ter uma universidade. Bom, depois que fizeram a apologia de que a água será o petróleo do futuro, um pouquinho de “petróleo” para todo mundo aqui, por favor.

Então, a grande coisa que me fez meditar profundamente era o seguinte: eu tinha medo de errar. Por que eu tinha medo de errar? Porque quando alguém pertence à elite, à mais alta elite, e erra, faz qualquer coisa, não tem muito problema, o cara termina o mandato, vai embora para o exterior, passa três, quatro anos, volta, o povo já esqueceu, o jornal já não fala mais nada, ele se candidata outra vez e ganha. E assim foi a vida do Brasil no século XX.

Mas é importante lembrar também, gente, vocês que são jovens, alguns com 20 anos, que nós estamos vivendo hoje, no Brasil, o mais longo período de democracia contínua, o mais longo período de democracia contínua. Se a gente contar a eleição do Tancredo Neves e a posse do Sarney, ou se a gente contar o fim da Constituição de [19]88, é o mais longo período de democracia. Eu estou falando de 23 anos ou de 25 anos, a nossa democracia é muito recente. Este país vivia de golpe em golpe. Um belo dia, alguém acordava e achava que quem estava governando precisava cair, ia lá e derrubava. Um belo dia, alguém levantava e achava: “Não, aquela turma é comunista, tem que tirar”.

Acabou. O povo brasileiro aprendeu a construir um modelo de democracia que está dando solidez para que a gente possa construir o futuro, para que a gente possa garantir aos nossos filhos o direito de terem aquilo que a gente não pôde ter no século passado.

O Brasil jogou fora grandes oportunidades no século XX. O Brasil, durante 30 anos, foi a economia que mais cresceu no mundo. De 1950 a 1980, a gente cresceu a uma média de 7% ao ano. Mas essa economia e esse



crescimento não eram divididos de forma equânime com a sociedade. Quando chegaram os anos 80, a gente descobriu que não só tinha gente mais pobre, como a gente estava com uma dívida externa quase impagável.

Vocês, certamente, não fizeram muita campanha, mas o pai de vocês certamente carregou muitas faixas na rua: “Fora daqui, FMI”, muitos carregaram. Eu aprendi também que a gente só pode ser respeitado se a gente se respeitar. E, como eu tinha medo de errar, eu falava para meus companheiros: olha, companheiros, qualquer um pode errar, não acontece nada. Mas se eu errar, eles vão dizer que um metalúrgico não está preparado para governar o país – eles vão dizer. E, aí, vai demorar 500 anos para um metalúrgico...

Eu disse para o Obama isso. Eu falei: Obama, você, Obama, embora seja formado em Harvard, você, embora seja formado, não pode errar, porque você é negro, e se você errar, vai demorar muito para que um outro negro possa ganhar a Presidência da República. Eu disse ao Evo Morales: Ô, Evo, você não pode errar, porque você é o primeiro índio que chega à Presidência da República, da mesma forma que o Mandela não podia errar, porque, em um país que tinha 26 milhões de negros e 6 milhões de brancos, os 6 milhões de brancos governaram a vida inteira. Quando os negros descobriram que era maioria, ganharam a Presidência da República e consolidaram o processo democrático. E aqui, no Brasil, nós aprendemos isso.

Mas faltava um ingrediente aqui no Brasil, faltava um ingrediente. Eu sempre me perguntava: por que tanta gente estudada passou pela Presidência da República e não fez a quantidade de escolas que o nosso povo precisava? Talvez porque eles já tivessem passado pela escola. E, como ele já passou, para que fazer, se ele já tinha passado? Teve presidentes que passaram o mandato inteiro e não fizeram uma universidade, uma! Teve outros que ficaram mais tempo, conseguiram aprovar duas no Congresso Nacional, mas quem fez a universidade foi o nosso governo, a Universidade do Vale do São Francisco.



Então, eu acho que nós estamos pagando uma dívida histórica, uma dívida histórica. Muitos desses meninos que a gente vê na televisão sendo vendidos como bandidos, meninos que praticam violência com 20 anos de idade, com 24, é resultado da falta de oportunidade que as pessoas têm, é resultado da falta de esperança. Ninguém consegue sobreviver sem esperança. Ninguém consegue sobreviver se não acreditar que tem uma luz no fim do túnel para que ele possa ter acesso à claridade. Não pode, ninguém sobrevive, as pessoas caem no desespero. E este país foi levado... milhões de jovens ao desespero, por falta de oportunidade de trabalho e por falta de oportunidade de estudo.

Eu vou contar uma coisa para os jovens que estão aqui, de 1980 – é importante vocês saberem. Eu fui um dos melhores dirigentes sindicais deste país, e este país passou mais de 20 anos sem que aqui, em Divinópolis, tivesse uma placa na porta de uma fábrica dizendo: “Precisa-se”; “precisa-se de soldador”; “precisa-se de engenheiro”. Engenheiro, neste país, se formava e ia trabalhar de analista financeiro, porque não tinha emprego. Ou outros iam vender na praia de Santos, ou do Rio de Janeiro, água de coco naqueles carrinhos, porque não tinha emprego para engenheiros.

Este país, em 1988, tinha mais de 50 mil escritórios de projetos de engenharia. Quando eu cheguei, em 2002... 2003, ao governo, tinha apenas oito mil. Nós já recuperamos, já temos 48 mil escritórios, porque hoje tem engenheiros. Está faltando, porque tem muita obra, como está faltando pedreiro, como está faltando azulejista, como está faltando muita coisa. Graças a Deus que está faltando, porque significa que tem mais empregos.

Hoje, enquanto nos Estados Unidos a taxa de desemprego chega a 10%, no nosso país, que vivia a 12, 14 ou 15, é apenas 7% no nosso país. E nós aprendemos o quê? O Brasil ou aposta definitivamente na sua juventude, e cria oportunidade de ela trabalhar e de ela estudar, ou este país vai ser um eterno exportador de matérias-primas, de *commodities*. É importante o Brasil



ser o primeiro exportador de suco de laranja do mundo, é importante o Brasil ser o primeiro exportador de minério de ferro do mundo, é importante o Brasil ser o primeiro exportador de carne do mundo, de vaca e de frango, é importante o Brasil ser o maior exportador de café do mundo, mas a gente vai se transformar em uma grande nação quando a gente estiver exportando a nossa inteligência, o nosso conhecimento. Em vez de a gente exportar uma tonelada de minério de ferro, a gente exportar um “chipzinho” desse tamanho, que vale tanto quanto aquela tonelada de minério de ferro que foi para fora ou vale muito mais.

É por isso que nós precisamos investir em universidade. A primeira coisa que eu fiz no governo foi acabar com a palavra “gasto” na educação. É proibido qualquer ministro dizer a palavra: “Vamos gastar em educação”. Em educação, a gente não gasta, a gente investe, e é um investimento que tem retorno muito rápido. É por isso que nós vamos terminar o governo com 14 universidades novas; é por isso que o ProUni está com 706 mil alunos.

Vocês não sabem a emoção que eu senti, há um mês, ao participar de uma reunião com 414 jovens da periferia que se formaram em Medicina pelo ProUni. Vocês não sabem a alegria e o prazer. E não é só, só... É engenheiro, é enfermagem, é jornalista, é engenheiro agrônomo, é pegando as pessoas que estavam sem esperança e colocando na universidade, colocando nas escolas técnicas.

Mais uma coisa que me dá orgulho, e eu vou contar para vocês, para terminar: foi em 2004, eu, esse moço aqui, Fernando Haddad – ele era secretário do ministro Tarso Genro –, e nós fomos ter uma conversa com uma mulher chamada Sueli Druck, que era diretora do Instituto de Matemática Aplicada do Brasil. Eles coordenavam uma pesquisa de matemática, de Olimpíadas de Matemática. E essa Olimpíada de Matemática tinha 274 mil alunos que participavam – a maioria deles de escolas particulares, quase ninguém de escola pública. Na época, a Argentina tinha 1,2 milhão de



adolescentes e jovens que participavam das Olimpíadas; os Estados Unidos tinham 6 milhões de americanos que participavam das Olimpíadas; e nós tínhamos 274 mil. Aí eu falei para o Fernando Haddad e para o Tarso Genro: vamos fazer olimpíadas da matemática na escola pública? Aí eles falaram assim para mim – não eles: “Ah, o aluno de escola pública não vai ter interesse, não vai dar certo”. Nós resolvemos fazer. Em 2005, participaram 10,5 milhões de crianças; em 2006, tinha eleição, a Justiça Eleitoral não deixou colocar nenhum cartaz nas portas das escolas, se inscreveram 14,5 milhões de crianças; em 2007, participaram 17 milhões de crianças; em 2008, quase 19 milhões de crianças; no ano passado, 19,5 milhões de crianças participaram, transformando o Brasil na maior Olimpíada de Matemática da história do nosso país.

Mas vejam que coisa interessante: tem um aluno – acho que vocês viram na televisão – chamado Ricardo, ele é quase tetraplégico. O pai dele era tão pobre, no Ceará, que o pai dele o levava à escola em um carrinho de pedreiro, em um carrinho de pedreiro. Esse menino já ganhou, por quatro anos consecutivos, medalha de ouro em matemática. Nós descobrimos que este país tem uma quantidade de gênios extraordinários que estão aí no anonimato, porque a gente não tinha como pesquisar. Agora, com a Olimpíada da Matemática, a gente está dando bolsa de estudo para os melhores, para que eles possam melhorar cada vez mais e para que a gente possa não exportar mais a nossa inteligência mas, pelo contrário, a gente trazer as pessoas que, eu diria, quase de extraordinária competência intelectual, que estão lá fora, a gente trazer de volta para o Brasil, para a ajudar o Brasil a se transformar nessa grande nação.

Então, quando nós deixarmos a Presidência... o Fernando disse uma coisa que é verdade, eu já disse para todos os ministros e disse hoje: eu quero, no dia 31 de dezembro, cada ministro vai me entregar, registrado em cartório, cada coisa que foi feita, coisa certa e coisa errada, cada coisa, cada centavo





aplicado, cada tijolo, cada metro de asfalto, cada lápis, todo mundo vai me entregar. Por que eu quero isso? Eu quero isso, para quem vier depois de mim, quero ver... para quem vier depois de mim, a pessoa vai ter um outro paradigma, a pessoa vai ter um outro paradigma, não um paradigma do nada. O paradigma de uma jovem que completava 17 anos, terminava o secundário, queria fazer universidade e ia disputar em uma universidade federal, tinha mil pessoas para cada vaga, a chance era ínfima, essa pessoa não passava; aí, ia em uma particular, essa pessoa passava; quando chegava em fevereiro, que ia fazer a matrícula, a mensalidade não permitia que essa pessoa estudasse. Aí, voltava uma menina ou um menino para casa, sem possibilidade de emprego e sem possibilidade de estudar.

Isso mudou. Mudou porque hoje, graças a Deus, nós geramos, em oito anos, 14 milhões e meio de empregos com carteira profissional assinada. São 706 mil vagas nas universidades particulares pelo ProUni. Nós conseguimos dobrar, com o Reuni, as vagas nas Federais, saindo de 103 [mil] alunos, que era a média histórica, para 227 mil alunos por ano, renovando nas universidades federais.

Portanto, como eu tenho sessenta... Portanto, como eu tenho 64 anos de idade e hoje o avanço da ciência permite que um velhinho possa viver até 75, até 80, eu tenho fé em Deus de que vocês me convidem para a formatura de vocês, e cá estarei eu, não sei se em 2012, se em 2013 – eu vi uma que ia se formar em 2013. Mas, de qualquer forma, eu tenho consciência de que levar a universidade para o interior deste país é uma revolução, para que o jovem não tenha que sair do interior e procurar uma vaga na capital.

Eu quero, então, dar os parabéns ao povo de Divinópolis, dar os parabéns, um dia, a um prefeito que pediu e dar os parabéns a um prefeito que ajudou a construir. Mas, sobretudo, dizer para vocês uma coisa: eu, aos 64 anos, tenho o direito de desanimar. Agora, vocês, jovens, não podem nunca desanimar, nunca! Não há nenhuma razão para uma menina ou um menino



desanimar, porque não tem tempo ruim para a gente. O mundo está à nossa espera e a universidade é apenas o início, para abrir uma parte do conhecimento, porque a outra parte será a vida que vai dar para vocês.

Aproveitem, estude, gente, estude. Pelo amor de Deus, estude, porque eu sei o que é o valor de uma profissão. Eu sei o que é o Lula sem profissão e sei o que é o Lula com profissão. Uma mulher sem profissão, ela, muitas vezes, fica morando com o marido porque o marido leva comida para casa. Essa mulher tem que viver com um homem porque ela gosta dele e porque ele a trata bem, não porque ela depende dele economicamente. E um homem também sabe o valor de ele ter uma profissão e poder cuidar da família dignamente. Portanto, o momento de vocês compensa qualquer sacrifício. Estudem, porque o que vocês não fizerem nesses próximos anos, vai ser mais difícil fazer quando vocês já tiverem idade.

Eu fui a Fortaleza, no ProJovem. O ProJovem é um programa que a gente pega alunos de 17 a 29 anos, eram quase 4 milhões de jovens no Brasil de 17 a 29 anos que deixaram de estudar. Eu fui agora a Fortaleza, tinha 10 mil pessoas, das 10 mil pessoas, 60% eram mulheres e 60% dessas mulheres, entre 17 e 19 anos, eram mães solteiras, já tinham mais que um filho, ou que dois filhos. Então, o ProJovem paga R\$ 120,00 para a gente convencer essas pessoas a voltarem para a escola e aprender uma profissão.

Graças a Deus, vocês não estão no ProJovem, vocês estão em algo mais importante, que é uma universidade. Façam disso uma razão de viver e se transformem nos grandes profissionais que o nosso Brasil tanto precisa.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---